

Assim nasceu Brasília

“Era uma tarde quente, característica do verão no Planalto em um dia sem chuva. O céu, de um azul impressionante, salpicado aqui e ali por grandes pedaços de nuvens brancas e brilhantes.

Desci do DC-3 meio cambaleante, depois de uma viagem que começara às sete da manhã, no Santos Dumont, Rio de Janeiro, com passagem por São Paulo, onde trocamos de avião. O voo não podia ser mais cansativo, com paradas em Uberaba, Uberlândia, Araguari e Goiânia, até chegar a Brasília que me pareceu, então, infinitamente mais distante do Rio do que é hoje, onde podemos ir agora em menos de um hora e meia”.

Foi assim que descrevi o dia de minha chegada a Brasília, naquele 11 de novembro de 1957. Eu fazia parte do grupo pioneiro que o Ipase mandava para as terras onde seria erguida a futura capital do País.

Nosso acampamento era na SCS 207. Um barracão de madeira bruta, alto do chão, cheio de brechas e que, de dia era escritório e, à noite, dormitório, depois de armarmos nossas camas de lona. Não tínhamos luz, comunicação, água encanada, nada enfim. Era como uma tenda no deserto.

Seria longo demais descrever o que foi a epopeia de construir uma cidade a partir do nada. Por isso vou pular no tempo e passar daquele dia da chegada, em que tanto me emocionei, para um outro dia que era a coroação de tudo e a realização de um sonho em que eu próprio não acreditei — o dia em que Brasília virou capital do Brasil. De lá para cá se foram trinta anos mas, o relato que escrevi, na ocasião, eu seria capaz de escrever exatamente igual hoje, tão vivas estão em minha lembrança aqueles instantes memoráveis.

20 de abril de 1960. “Estamos, finalmente, às vésperas da mudança,

no limiar do grande dia”. Assim eu iniciava o relato daquelas horas históricas. Recordem comigo, porque, para mim, hoje é dia de saudade, de voltar ao passado que marcou profundamente a minha vida e a vida do Brasil. Minha saudade é, também, um preito aos que, como eu participaram daquele dia memoráveis, o tempo os levou para sempre e são apenas cruzeiros silenciosas, na área dos pioneiros, no Campo da Esperança, como a querida Katucha, a primeira grande colunista deste nosso **CORREIO BRAZILIENSE**.

Mas, voltemos às vésperas da mudança. A cidade se agita. Seu ritmo de trabalho, que já era quase alucinante, se acelera mais ainda. Não há dia nem noite. Em toda a parte, gente trabalhando e trator fazendo barulho e poeira. Corre-corre. Ordens e contra-ordens. Israel fica noites seguidas sem dormir. O “Viscount” do presidente quase não sai do ar. Brasília começa a se encher de gente.

A grande maioria dos brasileiros como que desperta para uma realidade em que não havia acreditado. Brasília vai mesmo se transformar na Capital do Brasil. Era o sonho secular, que vinha desde a Inconfidência Mineira, virando verdade.

E no dia 20 de abril de 1960, uma quarta-feira, às cinco horas de uma tarde magnífica, começa o programa oficial da mudança da Capital, com a chegada do presidente Juscelino Kubitschek.

A primeira solenidade se realiza no Palácio do Planalto, ainda cheirando a tinta. Israel Pinheiro, o homem que tornou possível a construção da cidade, entrega ao presidente Juscelino as chaves de Brasília.

As 19 chega à cidade o Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, Legado Pontifício. Estamos a apenas cinco horas do dia 21 de abril. Operários estão concluindo a armação de um

ARQUIVO



A MISSA

Que marcou o primeiro minuto de Brasília como capital do Brasil

altar, na praça em frente ao Supremo Tribunal Federal, para a Missa solene que marcará os primeiros minutos de Brasília como nova Capital.

O ponto alto — São 23h40. A praça já está tomada por milhares de pessoas. As 23h45 o Legado Pontifício inicia a missa solene. A emoção é intensa. Olhamos o relógio. Faltam poucos minutos para Brasília se transformar em realidade.

Meia-noite, ou um pouco mais, ou um pouco menos. Os olhos estão cheios de lágrimas e não conseguimos ver os ponteiros do relógio.

Elevação do Santíssimo. A Banda dos Fuzileiros Navais executa o Hino Nacional. Acendem-se as luzes de Brasília e a Praça dos Três Poderes,

Esplanada dos Ministérios e Estação Rodoviária iluminam-se, de repente, sob a luz intensa de centenas de refletores.

O presidente chora. Choram muitos candangos. Choro eu também. Brasília é a Capital!

E por um momento fico distante dali e recordo. Recordo meu primeiro dia, minha primeira noite solitária e escura e o trabalho alucinante de tanta gente, agora esquecida, que tornou possível esta cidade.

Volto a mim aos trinta minutos do primeiro dia de Brasília, com o Cardeal Cerejeira abençoando a nova cidade. Aos 45 minutos os altofalantes transmitem, diretamente da Rádio Vaticano, de Roma, a sauda-

ção do Papa João XXIII.

A solenidade termina e os candangos continuam por ali, andando devagar, como que embevecidos com sua própria obra, agora coberta de luz.

Noite curta — E o sono foi curto para o presidente e para quase todos em Brasília, pois, já às oito horas a Banda do Batalhão de Guarda dava o Toque de Alvorada e o presidente Juscelino hasteava a bandeira brasileira, no Palácio do Planalto, agora já ao toque do Hino Nacional executado pela Banda do Corpo de Fuzileiros Navais.

As 08h30 o Palácio do Planalto iniciava a rotina de sua vida oficial, com o Presidente da República recebendo os cumprimentos dos embaixadores em Missão Especial, no Primeiro “Círculo Diplomático” da nova Capital.

Os atos se repetiam num suceder quase contínuo, impossível de ser acompanhado.

As 09h30, dá-se a instalação simultânea dos Três Poderes da República.

As 10h15 Monsenhor Lombardi, Nuncio Apostólico no Brasil, instala a Arquidiocese de Brasília e dá posse a Dom José Newton como Primeiro Arcebispo da nova Capital.

As 11h30 todos se reúnem na Câmara dos Deputados para a primeira sessão solene do Congresso Nacional, com a presença do presidente República, do Cardeal Cerejeira, dos embaixadores, ministros de Estado e outras altas autoridades, muitas delas visivelmente atrapalhadas com as solenes cartolas.

Terminada a sessão, Juscelino é delirantemente aplaudido e acaba sendo carregado nos ombros como um herói.

Nas ruas circula o primeiro número deste nosso pioneiro **CORREIO BRAZILIENSE**. A partir daí, esta folha registraria o dia-a-dia da nova cidade, como o vem fazendo até hoje. Trinta anos de trabalho e de história. Foi uma glória ter sido testemunha de tudo isso!